

ENTRE O MEDO E A CULPA: A PURGAÇÃO E A SALVAÇÃO NA PESTE NEGRA

BETWEEN THE FEAR AND THE GUILTY: THE PURGATION AND REDEMPTION IN THE BLACK DEATH

GABRIEL PIRES DA SILVA*

Resumo: O presente artigo possui como objetivo avaliar a relação de construção dos sentimentos de medo e culpa no contexto da Peste Negra de 1348. A boa morte, a morte cavaleirística, é desarticulada no contexto da pestança, incide, assim, sobre a ritualística da morte, dando-a novo sentido, visto que a peste interfere na normatização da vida cristã. No entanto, a relação entre pecado e penitência, materializada no Purgatório, possibilita ao homem um *feche* de salvação, que é feita através da purgação. A morte sofre uma metamorfose de origem exógena, a peste é para esse elemento que a mutila, fazendo com que perca seus ciclos naturais. E visto ainda dentro desse contexto um acentuamento de fenômenos religiosos de caráter coletivo, que possuem uma finalidade expiatória, o que nos permite notar uma orientação que busca a salvação e que se apega a ela.

Palavras-chave: Peste Negra – morte – salvação

Abstract: The objective of this article is to evaluate the relation of construction of fear and guilty during the Black Death in 1348. The good death, the honorable death, changed his meaning here and rise in this context of a new death concept, since the Black Death affect the normalization of beeing Christian. However, the relation between sin and penitence, materialized on purgatory gives the man the possibility of beeing saved by the purgation. The death suffers an external transformation, who find in the Black Death an spectrum that changes it, breaking his natural circles. Still in that moment of rising those collective religious phenomenons, whose has as a goal the remission, what allow us to note an orientation who search the redemption.

Keywords: Black Death – Death - Redemption

Artigo recebido em 23 de agosto de 2017 e aprovado para publicação em 08 de setembro de 2017.

* Graduando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Email:piresvr95@hotmail.com)

Revista Ars Historica, ISSN 2178-244X, nº15, Jul/Dez 2017, p. 222-230 | www.ars.historia.ufrj.br

A boa morte na representação de Guilherme Marechal

A morte no correr do início do segundo milênio do Medievo é um espectro familiar para o homem. Vivos e mortos circulam pelo mesmo lugar, a exemplo do cemitério, como demonstra Philippe Ariès, que era um ambiente de sociabilização e espaço da vida cívica, isto é, o cemitério e a praça pública, que hoje são distantes e separadas, eram naquele momento justapostos¹. A morte seria algo familiar para esse homem, intimidade que manifestar-se-ia com um aviso prévio de sua chegada. Sabia-se que se iria morrer, mesmo que seja por aspectos da vida cotidiana e biológica que hoje secularizamos, mas que no período possuem caráter maravilhoso. Dessa forma, a morte promove sentimentos que não são expostos de forma acalorada e de forte intensidade como experimentamos hoje nesse homem medieval, sentimentos que se professam em refinados gestos a partir de uma ritualística, como a narrada por Georges Duby em *Guilherme Marechal*. A morte desse grandioso cavaleiro, denominado como o melhor do mundo pelo rei da França, é grande representatividade do *morrer*. A morte do Marechal é feita mediante um aviso prévio de dois meses, feito na quaresma, o melhor momento para se morrer, feita ainda no melhor ambiente que poder-se-ia morrer, a casa, em seu leito particular. Essa questão do tempo é essencial para alçarmos êxito na discussão promovida. Será o tempo, breve ou longo, que permitirá a ritualística que precederia o término da vida.

A morte de Guilherme é precedida de rituais que simbolizam a concepção que o homem faz da própria vida, da morte e da relação entre plano terreno e supraterrano. Sendo sabido que se iria morrer, o que poderia ser sentido na visão de um defunto, o moribundo colocava-se a seguir uma sequência de cenas do teatro da morte. O primeiro momento de morte, o primeiro ato, consiste no despojamento do corpo. Renunciar-se-á tudo o que poderia alongar a estadia na terra. Todo esse momento será revestido de significação moral, ora que o moribundo deve nesse momento demonstrar seu valor e, para isso, deve exemplificar virtudes. Dessa forma, a morte ritualizada possui a funcionalidade social de afirmação da moral, a morte é ação afirmativa e, uma vez que é envolvida por uma aura de mistério, sacralidade, temor e respeito, envolve também a vida por esses elementos.

A segunda cena desse ato consiste na divisão dos bens. O Marechal deve anunciar, dentro das regras da primogenitura, os desejos sobre sua fortuna e bens. O próximo momento

¹ ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da Morte*. São Paulo. Editora Unesp, 2014.

compõe-se pela entrega da alma. Anuncia suas vontades de forma pública, confiando-as, ainda assim, a um texto escrito, o que se faz em casa através de um escrivão e sobre o olhar e assinatura da esposa e do primogênito, o que também é afiançado pela Igreja. A Igreja é presente antes e após o obituário, seu poder, portanto, se estende sobre o reino dos mortos e manifesta-se sobre esse, mesmo que não estado mais sobre a condição de vivo. O próximo instante é momento em que o corpo é motivo de preocupação. Nessa cena o Marechal manda seus amigos próximos, os quais amam de coração sincero, pois não há posição ou parentesco que isso imponha ou que a isso conduza, buscarem seus lençóis de seda que deveriam cobri-lo quando a morte o castigasse de fato. Após isso, demonstra-se o luto, momento de lágrimas, *lava-se* o moribundo. O choro inaugura a preocupação sobre o agonizante; coloca-se o Marechal sobre vigília de três homens, guardando-o nas “horas turvas em que ronda o demônio”. Dentre outros feitos, o moribundo deve elevar o nome daqueles que lesou em vida. Esse ainda, para seu bem futuro, deve angariar a ajuda de religiosos, adquirindo oração, o que faz repartindo seus bens com as ordens religiosas. A casa rejubila-se por conta do seu teatro mortuário, de fato encontra a morte, sendo amparado entre os braços de seu primogênito e de um de seus. O teatro, no entanto, não é encerrado nesse momento em que a vida esvai-se. Como fora pedido pelo próprio Marechal, se é feito um banquete, festeja-se, ora que, um bom morto há de dar banquete aos pobres.

O morto, assim, faz-se presente e manifesta sua riqueza, prestígio e poder entre os vivos após sua morte. Seu corpo é expressão do futuro, do futuro individual, do futuro cadavérico que todos os homens irão encontrar. A morte do Marechal fora uma boa morte. No entanto, para o pós-tumulo faz-se necessário as orações dos vivos. Ter-se-á aqui as relações entre vivos e mortos que, numa situação de mutua assistência, onde o primeiro vê sua condição futura e através da oração ao defunto celebra a própria vida e angaria benefícios para sua condição terrena e pós-morte, enquanto que, para o último, as orações daqueles que ainda não encontraram o juízo podem interferir na misericórdia divina e definir o destino do morto.

A boa morte se faz e requer uma série de condições as quais dependem ou não do moribundo, mas que tem nesse a condução da teatralidade da morte. A casa é o melhor lugar para se morrer, a quaresma o período do ano mais fortuito. Os longos meses, no caso do Marechal, foram preenchidos pela presença de grandes sujeitos daquele período que o envolviam entorno de seu leito. A morte requer a divisão de bens, despir-se de tudo o que fosse terreno e que tardasse a morte e a ascensão ao céu, o morto é lavado por lágrimas masculinas, visto que as mulheres pouco participam desse teatro. Dramaturgia essa que não

encontra seu fim após a morte do defunto, de nosso Marechal, mas continua ainda com a presença dele que erradia a moral e o fim cadavérico de todos os homens, agora não mais na condição de moribundo, mas de defunto, morto, cadáver. A morte é, dessa forma, teatral, possuía a proeminência de afirmação da moral e ilustração do fim de todo homem, o que de forma postulada é a demonstração da finitude do homem perante Deus e sua Criação. E todo esse teatro é possível apenas porque a morte é anunciada, se espera-a, assim como fora ao Marechal, fazendo-o esperar dois meses pelo seu óbito.

A peste incide sobre a morte

A peste é elemento de desestabilização social². Ela é responsável por alterar a religiosidade, como toda a base em que essa sociedade se funda. Fazendo com que, como demonstra Tamara Quirico, indivíduos se inclinam para uma religiosidade mais exacerbada ou para a negligência dessa, para o *carpe diem*. A peste altera a morte e a percepção sobre a escatologia de tal forma que leva a dois caminhos diferentes; um onde o homem é obcecado pela salvação, buscando uma religiosidade de grande intensidade, ou aquele que, em um estado de descrença, descuida-se de qualquer possibilidade dessa, valendo-se do mundo e de seus prazeres.

Toda essa conjuntura será intensificada ainda com a morte que assolará também padres e religiosos de diferentes ordens, fazendo com que o homem tenha uma percepção de grande temor, visto que aos homens de Deus, do exercício de seu ofício, não conquistam a misericórdia, fazendo com que esses tornem-se escassos e sobrecarregados.

A morte será uma constante nesse momento, rodeará o homem, estará presente em seus espaços e na sua intimidade. O homem deparar-se-á com a morte e isso ocasionará uma apatia perante a essa, visto que o ciclo da vida fora alterado, enterrava-se os filhos, restando esperar apenas sua própria morte.

Eu, Agnolo di Tura, conhecido por il Grasso, enterrei meus cinco filhinhos com minhas mãos (...); e não havia quem chorasse algum morto, uma vez que cada um esperava a [própria] morte". "Cronaca senese attribuita ad Agnolo di Tura del Grasso detta La cronaca

² BASTOS, Mario Jorge da Motta. *O Poder nos Tempos da Peste*. Portugal – séculos XIV/XVI. Niterói. Editora da UFF, 2009.

maggiore [1300-1351]”.³

(...) uma peste entre homens de todas as condições, de qualquer idade e sexo, que começavam a cuspir sangue e morriam alguns subitamente, alguns em dois ou três dias, e outros demoravam mais a morrer. E aconteceu que cuidasse do doente, pegando a doença ou, infectado por aquela mesma corrupção, tornava-se rapidamente doente e morria do mesmo modo; a muitos inchava a virilha, e a muitos sob as axilas à direita e à esquerda, e a outros em outras partes do corpo, [de modo] que se podia geralmente encontrar um inchaço singular em algum lugar do corpo infectado.⁴

A morte é tamanha e de tal forma assolava o homem, não somente em seu aspecto carnal, mas também psicológico, que gerava nesse uma apatia, uma desesperança. Num caso como o da primeira citação, não poderíamos deixar de supor o intenso sentimento desse homem que enterrara cinco pequenos filhos; era abatido por um sentimento que conjurava a dor da perda e da morte dos filhos, com um sentimento de solidão e desesperança para sobre seu próprio destino, o que poderia ser ainda pior se se ponderarmos a possibilidade de morte de outros familiares, como os pais ou a esposa desse homem. A todos restava a morte, o que poderia então fazer o homem se não entregar-se ao pecado, aos prazeres carnis, ou a buscar a intensa virtude, a salvação pós-morte?

Ainda assim, intensificou-se a religiosidade devido a uma maior consciência do homem sobre suas faltas e pecados. Culpava-se a sodomia, a heresia e a usura como pecados que teriam levados a cólera de Deus e a peste. Por esse discernimento acerca do pecado, acalorou-se a religiosidade, transformando-a. Por conta disso, executou-se com fervor manifestações de religiosidade coletiva, como procissões.

O purgatório cristão: a purgação e a salvação

A penitência e o sacrifício humano, individual ou coletiva, privado ou público, guarda em seu âmago um feixe de esperança. Busca-se através desses atos apaziguar a cólera divina

³ LISINI, A. e IACOMETTI, F. (org.). *Rerum Italicarum scriptores*. Cronache senesi, XV, 6,1, 1931-37, p. 555 apud QUÍRICO, Tamara. *Peste Negra e Escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV*. Disponível em < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4217154.pdf>> Acesso em: 03 de agosto de 2017. p. 4

⁴ VILLANI, M. *Cronica*. Con la continuazione di Filippo Villani, volume I (org. Giuseppe Porta). Parma: Fondazione Pietro Bembo/ Ugo Guanda, 1995, p. 09. apud QUÍRICO, Tamara. *Peste Negra e Escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV*. Disponível em < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4217154.pdf>> Acesso em: 03 de agosto de 2017. p. 3

e, assim, afastar a pestança e restabelecer as fundações da sociedade. Essa mentalidade que conjuga essa conjuntura com o além terá no Purgatório um *terceiro lugar* que possibilitará ao homem um maior fôlego quanto ao seu destino pós-tumulo. A própria peste, como demonstra Motta Bastos⁵, é vista dentro do imaginário desse espaço em que ela seria um evento estabelecido por Deus para a purgação da sociedade. Isto é, através da morte e da dor, assim como no Purgatório propriamente dito, purgar-se-ia os males da humanidade para que essa pudesse elevar-se ao Céu.

A partir disso, tomaremos procedência com a análise do Purgatório e da salvação tendo como base o trabalho de Le Goff, *O Nascimento do Purgatório*⁶. Nesse trabalho o autor explora as bases do problema de um lugar intermediário no mundo antigo, entre judeus, gregos, egípcios e outros grupos. O desenvolvimento do Purgatório está inscrito dentro de um processo de transformação da própria sociedade medieval, transformação essa simbólica e espacial, O imaginário binário da sociedade de composições como Céu/Inferno, Terra/Paraíso, clero/laicado ou mesmo Deus e Diabo se transformará para uma significação do mundo em um modelo ternário.

Conclusão

A peste negra fora uma experiência para a cristandade ocidental que veio a abalar as estruturas de sua sociedade. É eloquente pensarmos que desde o século XI o Ocidente medieval passava por uma transformação, essa que, nos moldes do feudalismo, terá melhores contornos no século XII. Não somente, todo o período que tratamos é de grande efervescência. A cristandade experimenta uma reavaliação do pecado e da culpa, as categorias taxativas à humanidade, compostas por Santo Agostinho, são reavaliadas e passam a um número de três. Teremos, assim, uma mutação na representação mental do sujeito desse período, onde se tinha ordenamentos binários, como o antagonismo entre Deus/Diabo ou Inferno/Paraíso, que são expandidos. Preenche-se o mundo com outros seguimentos e sujeitos. Entre o Inferno e o Paraíso, há agora o Purgatório. Como demonstra Le Goff, em *O Nascimento do Purgatório*, esse último lugar não constitui um produto de todo esse processo de mutação da sociedade ocidental, é antes de tudo elemento constituinte desse novo quadro.

⁵ *Idem*

⁶ LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

Uma demorada resposta que se manifesta em diferentes religiões e que, na angustia e necessidade de salvação e justiça, eclodirá em meio à cristandade ocidental do século XII. Como dito anteriormente, esse *terceiro lugar*, é responsável por dar um maior fôlego aos cristãos, ora que, em meio ao caminho bifurcado de Céu e Inferno, nada restaria a esse se não o choro ou o sorriso no pós-túmulo. Transforma-se esse caminho quando o Purgatório emerge entre o Inferno e o Paraíso, como montanha que levará ao colo de Deus e que, por conta disso, é promessa futura de salvação. Essa nova e alongada possibilidade de redenção estabelece e sistematiza um longo processo já imerso entre a sociedade laica: a relação entre vivos e mortos. Ter-se-á entre esse o desenvolvimento mais delimitado entre esses dois grupos. O primeiro, impactado pela visão futura de seu ser e na tentativa de angariar crédito a sua salvação, enquanto que ao morto, os sufrágios elevados ao céu investem a favor desse, enaltecendo-o, rogando pela sua misericórdia perante a Deus e, por isso, podendo transformar seu destino pós-morte, que poderão ser feitas em missas pelo defunto, pela esmola e pelo jejum. Estreitam-se, portanto, os laços entre vivos e mortos. A Igreja logo expande seu espaço de domínio sobre o morto para além de seu túmulo, alcançando o reino dos mortos, no entanto, dividindo a jurisprudência com o próprio Deus de seu credo.

O Purgatório faz parte, como já demonstramos, das transformações sofridas por essa cristandade. Uma das metamorfoses experimentada nesse período se dá na relação entre pecado e penitência. Como vimos, o pecado é tratado a partir da ótica da ignorância e a penitência é cada vez mais significativa para alçar-se, juntamente com a contrição e a confissão, o Purgatório. Dessa forma, uma vez que se objetiva o Purgatório e, enquanto esse é promessa de salvação futura, a penitência é mecanismo de conquista de salvação, forma de colher misericórdia divina. No contexto da peste em que um imaginário envolve o momento de uma paisagem infernal, mas com funcionalidade purgatorial, as práticas de purgação terão a finalidade assim de expiação, estando essas na qualidade coletiva ou individual. Será através da penitência que o homem afrouxará as correntes do medo e da culpa que pesará sobre seus ombros, o que possui íntima relação com a expansão do conceito de Purgatório⁷. Esses sentimentos, tendo base Quirico, são formados pelo medo do pós-morte, do destino que se teria nas terras de além-túmulo e a culpa seria originária a partir do pecado que se teria

⁷ QUÍRICO, Tamara. Peste Negra e Escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. Disponível em < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4217154.pdf>.> Acesso em: 03 de agosto de 2017.

cometido em vida e, através de uma equação que se faria tendo base a quantidade e a qualidade desses pecados.

A chave para a compreensão das reações ao surto de peste parece, com efeito, residir não apenas no medo da morte iminente, mas especialmente no sentimento de culpa que parece ter se abatido sobre uma parcela considerável da população; esse sentimento, por sua vez, aumentaria também o medo da morte. Medo e culpa, portanto, podem ser considerados como as duas faces de uma única moeda, unidas pelo receio do julgamento *post-mortem*.⁸

Concluindo, A “boa morte” é perdida com a peste.

Parentes [doentes] eram cuidados como se fossem cães. Jogavam a comida e a bebida na cama e depois fugiam de casa. Finalmente, quando morriam, camponeses fortes vinham das montanhas da Provença, miseráveis e pobres e sujos, chamados *gavots* [coveiros]. Pelo menos, em troca de um bom pagamento, carregavam o corpo para o sepultamento. Nenhum parente ou amigo mostrava preocupação com relação ao que pudesse estar acontecendo. Nenhum padre vinha ouvir a confissão do moribundo ou administrar-lhe os sacramentos.⁹

Poderíamos ainda dizer, a morte é desestabilizada, perde sua indumentária, o teatro da morte é inviabilizado, visto que para isso precisar-se-ia de tempo, como os dois meses que delongara-se a morte de Guilherme Marechal. À morte retira-se o tapete, fazendo-a sapatear entre ratos e pulgas e entre homens e mulheres assustados, amedrontados. A morte encontra a peste, figura de qualidade pior que a própria, visto que a morte é naturalizada entre os vivos, caminha entre esses a passos lentos e calmos, sem movimentos abruptos. Suas visitas são longas e previsíveis e, quando essa é feita a ricos e poderosos, em sua causa é dado um banquete pelo chefe da casa. Mas no século XIV transfigura-se. A peste que é espectro de pior qualidade transforma-a de tal forma que suas visitas passam a aborrecer, seu caminhar entre os homens agora aflige e causa pânico; os corpos que antes fazia em longas, belas e festivas

⁸ *Idem*, p. 15

⁹ *Idem*

visitas encontram agora uma morte violenta, desavisada e abandonada. Desmancha-se o teatro da morte. Não mais se emana do defunto a afirmação da moral, os ritos não são mais executados, visto que a peste não somente sobre a morte recai, mas sobre o próprio tempo, condição essa necessária para que toda a sacralidade fosse posta à mesa. Os homens de 1348 encontram uma morte desfigurada, acelerada e profanada. A própria Igreja é desestabilizada, perde espaço terreno e supraterrâneo. A peste, assim, afirma-se sobre a morte, o tempo e sobre a própria Igreja, restando ao homem apenas resguardar-se em uma purgação que inicia-se ainda em vida, que finda-se no purgatório, o novo espaço da cristandade do século XIII.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da Morte*. São Paulo. Editora Unesp, 2014.

BASTOS, Mario Jorge da Motta. *O Poder nos Tempos da Peste*. Portugal – séculos XIV/XVI. Niterói. Editora da UFF, 2009.

LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

QUÍRICO, Tamara. Peste Negra e Escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. *Paraíso, Purgatório e Inferno: a religiosidade na Idade Média*. Disponível em < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4217154.pdf>.> Acesso em: 03 de agosto de 2017.